



**Foto 33 – Padrão dos Descobrimentos<sup>124</sup>**

Assim, foi projetado o Padrão, monumento de pedra com 50 metros de altura, para dar uma idéia de proa de uma embarcação lançada ao mar, dando a partida, tão buscada por Leitão de Barros. Pretendia ainda contar a história da expansão portuguesa, tendo como marco a saída das navegações pelo Tejo, em busca de novos mares, novas terras e novos povos. Foi feita numa “[...] estrutura de ferro e cimento, e, por uma composição escultórica, em estafe, formada por 33 figuras, das quais 32<sup>125</sup> tinham a altura de 7 metros, e uma, a do

<sup>124</sup> MUNDO..., 1956, não paginado.

<sup>125</sup> Figuras representadas nas categorias históricas: Infante D. Henrique, Infante D.Fernando, Gonçalves Zarco, Gil Eanes, Pedro Nunes, Pedro Escobar, Jacome de Maiorca, Pêro da Covilhã, Diogo Gomes Eanes de Azurra, Nuno Gonçalves, D.Afonso V, Nicolau Coelho, Afonso Baldaia, Pedro Álvares Cabral, Fernão de Magalhães, Vasco da Gama, Gaspar Corte-Real; nobres João de Barros, Estevão da Gama, Bartolomeu Dias, Diogo Cão, Afonso de Albuquerque; e expressões do Infante D.Pedro, D. Filipa de Lencastre, Fernão Mendes Pinto, Frei Gonçalo de Carvalho e Frei Henrique de Carvalho. MUNDO..., 1956, não paginado.

Infante D. Henrique, media 9 metros.”<sup>126</sup> Segundo o Catálogo, o Padrão dos Descobrimentos seria, na Exposição:

[...] esse grito triunfal que a Nação saltou no ano Áureo de 1940, como se num som único dissesse ao Mundo, em síntese, as estrofes soberanas dos «Lusíadas»”. Por tudo isso, o Padrão era considerado um símbolo “lançado ao Tejo numa ânsia de afirmação e de justo orgulho rácico, síntese do nosso passado glorioso [...]”<sup>127</sup>.

Na avaliação do arquiteto-chefe da Exposição do Mundo Português, Cottinelli Telmo<sup>128</sup>, sobre o Padrão:

Êste monumento tem uma história. Era preciso um grande padrão da Exposição uma síntese dinâmica do esforço dos portugueses, no Descobrimento, na Conquista, na Propagação da Fé. Neste cortejo ascensional de figuras-navegadoras, guerreiros, monges, trovadores — não podia deixar de aparecer a figura máxima do Infante D. Henriques.

O Pavilhão dos Portugueses no Mundo e o Pavilhão do Brasil Colonial foram dirigidos por Afonso Dornelas e pelo arquiteto-chefe Cottinelli Telmo. Estes pavilhões serão trabalhados no Capítulo 4, em razão de serem nosso objeto de investigação. Destacamos, agora, apenas o Pavilhão Portugal 1940, que se encontrava no corpo sul do Pavilhão dos Portugueses no Mundo, cuja descrição no Guia da Exposição do Mundo Português possibilita-nos entender o circuito pretendido:

No vestibulo: As estatuas dos Presidentes da Republica e do Conselho. Nos nichos, frases alusivas aos dois grandes estadistas portugueses. Passado o vestíbulo, na sala e na parede, à direita, mostradores circulares com dioramas revelando as grandes realizações do Estado Novo, nos sectores do: exército e marinha; comunicações; hidráulica, assistência, estradas; ensino; credito agrícola; movimento de portos, riquezas (vinho, cortiça, azeite, trigo etc.).

Na parede da esquerda, bandeira dos Grémios e sindicatos nacionais.

Nas paredes laterais, fotomontagens evocativas das instituições e realizações mais características do Estado Novo. Na rotunda, ao fundo da sala, seis painéis representativos da constituição política do Estado Novo. Arvore central explicativa desses painéis, com legendas: Por baixo dos painéis, gráfico representativo da Política Financeira de Portugal, onde figuram sob o titulo «Portugal país de boas contas», o equilíbrio financeiro e o sistema bancário português - base da obra de ressurgimento Nacional levado a efeito pelo Estado Novo - e política de Salazar.

À saída da sala, encontram-se as instalações do Secretariado Nacional na Exposição do Mundo Português, com um posto de informações e uma dependência dos serviços do referido organismo<sup>129</sup>.

<sup>126</sup> O PADRÃO..., 1985, p. 42.

<sup>127</sup> MUNDO..., 1956, não paginado.

<sup>128</sup> Cottinelli Telmo dá esse depoimento quando apresenta a maquete da Exposição a jornalistas. A EXPOSIÇÃO do Mundo Português será a afirmação de técnica nacional. *Revista dos Centenários*, Lisboa, Ano I, p.11-18, 1939a. p.16.

<sup>129</sup> GUIA..., 1940, não paginado. Esta publicação tem a apresentação de Augusto de Castro.

Nesse momento, é importante registrar que no Catálogo trabalhado não existe nenhuma referência ao Brasil Colonial, como nenhum registro fotográfico relativo à Exposição do Museu Histórico Nacional, organizada por Gustavo Barroso. O destaque é dado apenas ao Pavilhão do Brasil 1940. Sobre a participação do Brasil com um segundo espaço expositivo, Augusto de Castro<sup>130</sup> afirma: “[...] dirá a grandeza da civilização brasileira, seu papel actual, seus recursos, sua história. O Governo Português convidou o Brasil a construir ou decorar, êle próprio, esse Palácio [...]”

Com relação ao Brasil 1940, encontramos matérias em jornais e revistas de grande circulação<sup>131</sup> que destacavam a entrega do terreno de forma solene ao Delegado do Brasil, Sr. Augusto de Lima Junior, para a construção do espaço do Brasil pelo Presidente da Comissão Executiva dos Centenários, Dr. Julio Dantas, que declara em seu discurso:

Com as fundações dessa casa principia hoje a obra de cooperação do Brasil nas celebrações do Duplo Centenário, obra vasta, que transcende os limites da Exposição do Mundo Português, porque se afirmará noutros domínios e noutras actividades. Veremos, no Tejo, unidade da heróica marinha de Guerra brasileira; nos cortejos e nas paradas cívico-históricas, contingentes do seu exército de terra e mar; a sua arte florescerá no monumento a Pedro Álvares Cabral, que o Governo da República irmã oferece a nação portuguesa; a sua indústria não deixará de afirmar noutro certame, as suas poderosas realizações [...]<sup>132</sup>.

---

<sup>130</sup> CASTRO, 1940a, p. 22-23.

<sup>131</sup> Localizamos reportagens com matérias sobre a entrega do terreno ao Brasil para a construção do Pavilhão Moderno. Neste capítulo estamos trabalhando com a matéria O PAVILHÃO do Brasil na Exposição do Mundo Português. *Revista dos Centenários*, Lisboa, n.13, p. 14-16, 31 jan. 1940.

<sup>132</sup> O PAVILHÃO..., 1940, p. 14-15.



**Foto 34 – Fachada do Pavilhão do Brasil 1940**<sup>133</sup>

Depois da solenidade religiosa da benção do terreno pelo Arcebispo de Mitilene, o Delegado do Brasil proferiu seu discurso, no qual declara o seguinte:

Quis a Providencia Divina, a de Cristo, que Portugal levou ao Brasil, que não subissem as duas bandeiras<sup>134</sup>, para que as não separasse sequer o mastro. Com elas muito juntas ao meu coração, agradeço em nome do Brasil as expressões de acentuado carinho com que a êle se referiram os srs. Drs. Julio Dantas e Augusto de Castro. Em nome dêsse meu caro Brasil, quero, também, beijar reconhecido as mãos da Exm<sup>a</sup> sr<sup>a</sup> D. Maria do Carmo de Fragoso Carmona — alta e dignificadora

<sup>133</sup> MUNDO..., 1956, não paginado.

<sup>134</sup> O Delegado do Brasil refere-se à situação provocada pelos ventos fortes que impossibilitaram o hasteamento das duas bandeiras durante a entrega do terreno. Há uma foto do Delegado do Brasil segurando as duas bandeiras em frente ao mastro, Ato Solene. O PAVILHÃO..., 1940.

expressão da espôsa e da mãe portuguesa — por ter desferido as brisas de Portugal as bandeiras do pai e do filho que se reúnem desde já para comemorar glórias comuns e heranças heróicas que são daquém e dalém-mar [...]

O Brasil vem, como pessoa da família em visita à casa paterna, dizer à sua Pátria de Origem que os seus 50 milhões de cidadãos, guardando a raça, a língua e a religião que receberam de Portugal, serão sempre no continente americano os continuadores do valôr português; que a Cruz de Cristo plantada pelas armas de Pedro Álvares Cabral será eternamente o símbolo da sua civilização e o elo poderoso que o ligará aos seus ancestrais, cujas glorias se formaram dilatando a Fé e o Império<sup>135</sup>.

O Pavilhão do Brasil 1940 foi coordenado por Dr. Augusto de Lima Junior. O plano arquitetônico dos interiores teve como autor o arquiteto Roberto Lacombe, com a participação do arquiteto adjunto Flávio Barbosa. O Projeto do Pavilhão foi assinado por Raul Lino. A edição do “Pavilhão do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português-1940” publicou:

[...] a organização do Pavilhão do Brasil, cujo projecto foi confiado ao architecto português Raul Lino, que orientou o plano Geral da Exposição.

A construção do pavilhão foi dirigida pelo architecto brasileiro Flavio Guimarães Barbosa e assistida pelo construtor Eduardo Lopes e Silva. Os dispositivos e decorações interiores foram executados de conformidade com o projeto do architecto brasileiro Roberto Lacombe<sup>136</sup>.



**Foto 35 – Interior do Pavilhão do Brasil 1940 (expografia)<sup>137</sup>**

<sup>135</sup> O PAVILHÃO..., 1940, p. 15.

<sup>136</sup> PAVILHÃO do Brasil na Exposição Histórica do Mundo Português-1940. Lisboa: Oficinas da Neogravura, 1941. Não paginado.

<sup>137</sup> CATÁLOGO..., 1940.

Fica evidente que tanto a construção como a decoração ficou sob a responsabilidade do governo brasileiro. E isso ficou registrado na Acta nº 32, de 2 de maio 1939, da reunião realizada pela Comissão Executiva, com as presenças dos senhores Júlio Dantas, Linhares Lima, José Silva Bastos representando o senhor Antonio Ferro<sup>138</sup>, Augusto de Castro, Reinaldo dos Santos e Silveira e Castro, que decidiu:

[...] organização e recheio dos mesmos ficam cometidas a entidades que tomam também o compromisso de executar os trabalhos a seu cargo dentro de um prazo fixo. Os pavilhões ficarão assim distribuídos: [...] Pavilhão do Brasil, cuja organização compete ao Govêrno brasileiro.

Na Acta nº 42, de 24, de outubro de 1939, está registrado que durante a reunião havia uma comunicação do presidente da Comissão Executiva dos Centenários, senhor Dr. Júlio Dantas, que explicitava aos presentes o interesse do Brasil em ter um Pavilhão que apresentasse o Brasil moderno, desenvolvido e novo, tendo o seguinte teor a Comunicação recebida:

Segundo uma nota que nos foi transmitida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros está disposta a oferecermos a construção de um Pavilhão, para ser integrado na Exposição do Mundo Português, onde se exibam manifestações da actividade do Brasil desde que deixou de fazer parte do patrimônio comum [...]

O pedido do convidado ilustre foi acatado e concedido o direito de construir um Pavilhão, denominado Brasil 1940. No Catálogo<sup>139</sup> encontramos a seguinte referência, que demonstra que, mesmo sendo o Brasil atual apresentado, era possível ver Portugal presente nos espaços expositivos:

Correndo o Pavilhão, onde eruditos e artistas brasileiros colaboraram, no estudo e na realização dos símbolos, das alegorias e das imagens que o povoaram, ninguém teve a percepção de qualquer diferença, pessoa alguma teve a impressão de que descia ou subia qualquer degrau. O plano era o mesmo: era ainda e sempre Portugal que se estava mostrando. Era a mesma, alma que se estava auscultando.

Em outra publicação consultada, intitulada *Boletim das Colónias*, há uma apresentação de Augusto de Castro sobre o Pavilhão Brasil 1940, que segue essa linha de entendimento sobre o pavilhão, sempre identificado como o moderno, a representação do Brasil rejuvenescido,

<sup>138</sup> No ano de 1939, estava sendo realizada a Exposição de Nova York e Antonio Ferro era o Comissário de Portugal naquela Exposição, o que, muitas vezes, impedia a sua presença nas reuniões da Comissão Executiva dos Centenários de Portugal.

<sup>139</sup> PAVILHÃO..., 1941, não paginado.

estabelecendo-se uma relação com o Brasil Colônia, no que diz respeito a um ponto comum na história dos “dois Brasis”<sup>140</sup>: suas riquezas naturais. O texto a seguir é ilustrativo:

O Pavilhão do Brasil, manifestação da perfeita solidariedade da Nação Irmã. Nêle estavam representados o Brasil de hoje, afirmação vibrante do Progresso e o de outrora, um e outro com a evocação dos seus ricos motivos naturais. A arte, as ciências, a literatura, o jornalismo e a técnica tinham neste pavilhão ampla expressão<sup>141</sup>.

Consta no Boletim das Colônias que Augusto Lima Junior, representante do Brasil no momento da inauguração do Pavilhão Brasil 1940, iniciou seu discurso com um pedido de perdão. Talvez esse registro tenha sido necessário em razão de ter sido registrado pela Comissão dos Centenários que a Comissão do Brasil era formada por anônimos, assunto tratado no Capítulo 1. O Representante do Brasil argumenta que as relações de sangue superaram as deficiências:

Sr. Presidente: Peço perdão se o Brasil mandou como pioneiro às comemorações centenárias de Portugal um dos seus filhos mais obscuros. Talvez por se tratar dum historiador do ouro e dos diamantes e da arte portuguesa no Brasil, e, se êsse brasileiro levou a cabo a tarefa tão grandiosa, conduzindo desde o primeiro instante até o final, em tôdas as suas minúcias, a participação da sua Pátria nas comemorações centenárias da nação portuguesa é porque o seu sangue o orientou e conduziu. Esse sangue é o dos aventureiros portugueses que no século XVIII profundaram as montanhas de Minas Gerais, arrancando o ouro e as pedras preciosas<sup>142</sup>.

Em ato contínuo, foi dada a palavra ao General Francisco José Pinto<sup>143</sup>, Presidente da Comissão Brasileira para os Centenários Portugueses na Exposição do Mundo Português, que, em seu discurso, já apresentava a intenção do Brasil, nesse Pavilhão, de mostrar, por meio de imagens e dados, os novos resultados alcançados pelo Brasil moderno:

A nossa exposição é pálida síntese do Brasil que estamos construindo, mas não quisemos esquecer os sinais dos imperecíveis alicerces que nos legastes. Neste pavilhão encontrareis o Brasil de hoje, que pensa e trabalha por se engrandecer, do

<sup>140</sup> No contexto do discurso de Augusto de Castro usamos a expressão *dois Brasis* para representar um Brasil do Passado (histórico colonial) e do Presente (Estado Novo, 1940), que tem em comum as riquezas naturais: povo, língua, flora, fauna e toda a exuberância do território. A nosso ver, pode ser uma intenção do discursista registrar que mesmo no processo de colonização portuguesa esses recursos não foram extintos, a despeito da exploração das riquezas da Colônia por Portugal.

<sup>141</sup> CASTRO, 1941a, p. 163.

<sup>142</sup> LIMA JUNIOR, Augusto. Pavilhão do Brasil (Discurso). Boletim Geral das Colônias. Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 1140-1640-1940. Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 249, jan. 1941.

<sup>143</sup> PINTO, Francisco José. Pavilhão do Brasil (Discurso). Boletim Geral das Colônias. Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 1140-1640-1940, Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 245-246, jan. 1941. p. 245.

Brasil que luta para se edificar do outro lado do Atlântico a nossa nacionalidade e nossa civilização numa política eminentemente americana.

A proposta arquitetônica do Pavilhão do Brasil 1940 era arrojada e moderna. Sua fachada tinha colunas em forma de palmeiras estilizadas; na parte superior, bandeiras do Brasil contornavam toda a estrutura da platibanda do prédio. Sobre a porta de entrada, um baixo-relevo do rosto de Getúlio Vargas com os dizeres:

Todos os problêmas em equação  
na vida brasileira tendem ao objetivo  
supremo de coordenar os valores humanos  
e os valores econômicos a-fim-de tornar  
a Nação cada vez mais forte e  
mais próspera.  
Cabe-nos uma missão na América e  
no Mundo. Donos de meio continente  
tendo de mobilizar riquezas e criar  
uma civilização própria. Já não podemos permanecer  
em atitude passiva. Deixando indefeizo o Patrimônio Histórico que nos foi  
legado<sup>144</sup>.

Ainda na abertura na exposição, um trecho do poema *O Brasil*, de Olavo Bilac<sup>145</sup>, escrito na segunda metade do século XIX, foi declamado:

Para! Uma terra nova ao teu olhar fulgura!  
Detem-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,  
em carícias se muda a inclemência das vagas ....  
Este é o reino da Luz, do amor e da fartura!<sup>146</sup>

Após os versos do poeta do século XIX, no vestíbulo das duas salas com igual proposta temática, a referência aos Chefes de Estado — pelo Brasil, Getulio Vargas e por Portugal, Oliveira Salazar —, representados em bustos colocados sobre pilares, tendo atrás um semi-círculos de bandeiras dos respectivos países. A exposição<sup>147</sup> teve a seguinte proposta para o Brasil Moderno:

ENTRADA: na galeria, que da escada principal levava ao salão de conferência, encontravam-se coleções de produtos do solo brasileiro. Painéis com notas explicativas e

<sup>144</sup> PAVILHÃO..., 1941, não paginado.

<sup>145</sup> Nasceu no Rio de Janeiro (1865-1918), jornalista, poeta, membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Autor do Hino à Bandeira. Em 1907 foi agraciado pela Revista *Fon-Fon* com o título de *Príncipe dos Poetas Brasileiros*. WIKIPEDIA..., 2007.

<sup>146</sup> PAVILHÃO..., op. cit., não paginado.

<sup>147</sup> A descrição do pavilhão foi baseada no GUIA..., 1940.



estatísticas, completavam o mostruário. Na escadaria, mapas geográficos documentavam aspectos econômicos, históricos e turísticos do Brasil.

SALA DO LIVRO: com gabinete de leitura anexo, sintetizava a cultura e a actividade editorial brasileira.

SALA DE FOMENTO E INDÚSTRIA: representação das obras públicas, vias de comunicação, fabrico de material bélico e imprensa.

SALA DA AERONÁUTICA: documentário de navegação aérea de todas as actividades afins. Homenagem aos pioneiros Bartolomeu de Gusmão<sup>148</sup>, Augusto Severo<sup>149</sup> e Santos Dumont<sup>150</sup>.

SALA DO RIO DE JANEIRO: um diorama da cidade mostrava os aspectos monumentais da Capital do Brasil. Exibia-se o documentário da técnica de saneamento, higiene e da soroterapia. A figura de Oswaldo da Cruz, saneador do Rio de Janeiro, é homenagem ao trabalho dos sábios brasileiros.

SALA DA ETNOGRAFIA: completa os mostruários a secção de etnografia do “selvagem brasileiro”, apresentada pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro.

SALA DE HONRA: exposição de arte brasileira contemporânea. Todos os pisos são revestidos de tacos de madeira, ladrilhos cerâmicos e borracha, vindos do Brasil.

---

<sup>148</sup> Nasceu em Santos, em 1685, faleceu em Toledo, em 1724. Sacerdote jesuíta, ficou conhecido como *o Padre Voador*, por ter inventado a chamada *Passarola*, um balão de ar quente que ficou a 4 metros de altura do chão. WIKIPEDIA..., 2007.

<sup>149</sup> Nasceu em Macaíba, em 1864. Em razão da tragédia que o envolveu com sua invenção, ficou conhecido como o *Mártir da Tecnologia Aeronáutica*. O PAX, em 1902, cortou os céus de Paris, mas antes do pouso pegou fogo e vitimou o seu autor. Ibidem.

<sup>150</sup> Nasceu em Palmira, em 1873, e faleceu em Guarujá, em 1932. Foi considerado o *Pai da Aviação*, por ter criado o 14 Bis, a primeira invenção a decolar em 1906, em Paris, sem a ajuda de rampas. Após verificar o uso de sua invenção em guerras entrou em depressão, suicidando-se em 1932. Ibidem.



**Foto 36 – Espaços expositivos do Pavilhão do Brasil 1940<sup>151</sup>**

Importante registrar que as publicações brasileiras foram apresentadas na Sala de Leitura em edições de luxo<sup>152</sup>. Depois da Exposição, esse acervo foi doado a Portugal, para fazer parte do patrimônio da Biblioteca Dulce Vargas<sup>153</sup>, criada em homenagem à primeira dama do Brasil.

Por determinação do Governo Brasileiro, a rica e escolhida biblioteca do Pavilhão, juntamente com as estantes e mobiliário, foi oferecida a sala Brasil da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde já se encontra. As obras primas da literatura brasileira, apresentadas em encadernações luxuosas, foram á Academia das Ciências de Lisboa, que preparou uma sala com galerias envidraçadas para recebe-

<sup>151</sup> CATÁLOGO..., 1940. Destaque para a vitrine das edições de luxo que depois foram doadas a Portugal. Na segunda fotografia, exposição das publicações brasileiras.

<sup>152</sup> As edições de luxo eram feitas em encadernação especial, letras douradas publicação de Catálogos sobre o Brasil, A Capital Federal-Rio de Janeiro. Durante os seis meses da Exposição no Pavilhão do Brasil 1940 foram distribuídos gratuitamente mais de cem mil volumes de livros de propaganda e disseminação da cultura brasileira e dez mil catálogos sobre as publicações brasileiras, seus autores e editoras.

<sup>153</sup> Os livros de literatura infantil foram oferecidos ao Jardim da Infância Dulce Vargas, localizado na Cidade do Porto, que recebeu o nome da primeira dama do Brasil.

las e expô-las. Os livros para crianças foram oferecidos ao «Jardim da Infância D. Darcy Vargas [sic]», da Cidade do Pôrto<sup>154</sup>.

Na Sala de Honra estava a exposição de arte, considerada a apresentação do grande momento do espaço do Brasil 1940, em razão de expor a arte brasileira, especialmente os modernistas, sendo o destaque o quadro *O Café* do artista Di Cavalcanti, e vitrines com esculturas. Eram obras originais que fascinavam os visitantes. A legenda explicava que essa montagem representava:

A Evolução *mental* do Brasil, o livro, a imprensa, a vida cultural, agitante, da Grande Nação, palpitava, exuberante em alegorias e representações simbólicas, em mapas e pinturas murais, neste Pavilhão de amizade onde a madeira dos Pavimentos, os ladrilhos e outros materiais de construção, nos falavam do seu solo e da sua fertilidade de assombro<sup>155</sup>.

O Pavilhão de Honra foi o espaço destinado a proporcionar a dignidade das festas, recepções e espetáculos. Para tanto, foram criados dois ambientes, a saber: Sala de Festas e Sala de Teatro. No Pavilhão de Lisboa, que teve a direção de Norberto de Araújo e do arquiteto Luiz da Silva e ficava ao lado do Pavilhão de Honra, pretendia-se apresentar a Cidade de Lisboa, sua história e seus costumes. Em seu exterior constavam as seguintes informações decorativas: “«Lisboa Rainha do Ocidente, cabeça e Coroa de Portugal» e «Lisboa mãe dos Navegadores, madrinha de naus e caravelas».”<sup>156</sup>

A decoração arquitetônica externa desse Pavilhão, de acordo com o descrito no Catálogo de 1956, expunha “[...] o remate de uma grilagem cruciforme, o adorno exterior dos baixos relevos alegóricos, a arcaria, centrada pelos planos dos pilares que ladeavam a entrada, a ousada torre terminal”<sup>157</sup>. Apresentava baixos relevos que ornamentavam as paredes externas com motivos decorativos de caravelas, utilizadas como símbolo que definia a expansão e o meio de transporte que possibilitou Portugal avançar pelo mar para conquistar outras terras. Esse espaço foi projetado para a realização da exposição das Artes, Ciências e

<sup>154</sup> PAVILHÃO..., 1941, não paginado. Equivocadamente, ao invés de Jardim de Infância Dulce Vargas, consta no documento citado *Jardim de Infância D. Darcy Vargas*.

<sup>155</sup> MUNDO..., 1956, não paginado, grifo nosso.

<sup>156</sup> *Ibidem*.

<sup>157</sup> Torre Terminal: detalhamento arquitetônico anexo ao Pavilhão de Lisboa e de Honra projetado pelo arquiteto Luis Cristino da Silva que fecha a Praça do Império ao lado nascente. A EXPOSIÇÃO Histórica do Mundo Português. *Revista dos Arquitectos*, Lisboa, n. 10, p. 281-284, jul./set. 1939b. p. 282.

Letras, com a Sala de Honra dedicada a *Os Lusíadas*, outra sala para a Imprensa e mais uma para o Turismo.



**Foto 37 – “Torre Terminal” no Pavilhão de Honra<sup>158</sup>**

A expografia para a representação da *Cidade Histórica de Lisboa* foi trabalhada em um espaço com sete salas: Sala de São Vicente, Sala de Honra ou do Foral, Sala do Pitoresco, Sala Erudita, Galeria de Lisboa e Tejo, Sala Municipal e o Vestíbulo de Saída. Destacamos uma descrição que encontramos no Roteiro dos Pavilhões, que, a nosso ver, explicita o que era exposto. Assim, citamos como exemplo o exposto sobre a Sala do Pitoresco: “[...] repleta de miniaturas — tudo em bonecos: a procissão da Senhora da Saúde, as Marchas dos Bairros e figuras populares; pinturas em vitrines na parede, reconstituindo o passado — a Ribeira

<sup>158</sup> MUNDO..., 1956, não paginado.

Velha (séc. XVII), o Rossio (séc. XVII), a Sopa de Arroios (séc.XVIII), etc.”<sup>159</sup>. Esse Pavilhão, em todas as suas Salas, trazia como conteúdo expositivo uma homenagem à Lisboa do passado, ao tempo em que apresentava a Lisboa atual. Finalizava a exposição um azulejo de grandes dimensões com a vista da Lisboa de 1940.

O Centro Regional era formado por um núcleo que envolvia a “Secção da Vida Popular” e as “Aldeias Portuguesas”, sendo denominado de *documentário etnográfico*. Foi uma criação de responsabilidade do Secretariado da Propaganda Nacional, que tinha à frente o Secretário, o senhor Antonio Ferro<sup>160</sup>, também Secretário da Comissão Executiva das Festas Centenárias. Nesse espaço buscava-se representar, por meio de um conjunto de vilas portuguesas, o povo em sua diversidade cultural e econômica, porque eram: “As aldeias portuguesas, síntese deliciosa de toda a paisagem portuguesa cheia de ternura e de idealismo, de pitoresco e de unidade de espírito, foi um dos mais sugestivos quadros da Exposição de 1940.”<sup>161</sup>

---

<sup>159</sup> ROTEIRO..., 1940, não paginado.

<sup>160</sup> A presença de Antonio Ferro na orientação do Centro Regional e na direção do Secretariado Nacional da Propaganda se dá em razão da sua expressão na vida cultural e política do Estado Novo. Desde 1935 ele já estava à frente das exposições estrangeiras que Portugal se fazia representar, a exemplo das exposições Paris 1937, New York 1939. (ANTT-SNI- SNI 690).

<sup>161</sup> CASTRO, 1940a, p. 117.



**Foto 38 – Centro Regional – Aldeias portuguesas<sup>162</sup>**

Sobre o responsável pela execução dos trabalhos no Centro Regional, Augusto de Castro<sup>163</sup> registra em seus agradecimentos as seguintes palavras que fazem referência ao Secretário da Propaganda Nacional e sua criação:

Você, meu caro Antonio Ferro, acaba de escrever, de compilar e de fazer editar, com êste Centro Regional que a sua competência de arquitecto de imagens e de ritmos dirigiu, um delicioso poema folclórico, um lindo livro sôbre o Portugal íntimo, o Portugal repousante e lírico, o Portugal do pomar, dos açudes, da província, da indústria caseira, dos descantes e das eiras: êsse Portugal, ingénuo e amoroso, que foi o húmus do Portugal heróico que está ali, naqueles Pavilhões da Epopéia, o Portugal da serra e do mar que constituem a raiz e a madre-silva, a écloga e a canção da Raça e da Terra.

O que eram as Aldeias Portuguesas? Construções de responsabilidade do arquiteto Jorge Segurado, com a colaboração de Sales Viana e Tomás de Melo (Tom). Foram montadas no espaço intitulado Centro Regional na Exposição do Mundo Português, com a representação de casas populares que faziam referência às 13 províncias e ilhas adjacentes, a

<sup>162</sup> MUNDO..., 1956, não paginado. Em destaque o Minho.

<sup>163</sup> CASTRO, 1940a, p. 115.

saber: Minho, Trás-os-Montes, Douro Litoral, Beira Litoral, Beira Alta, Beira Baixa, Ribatejo, Estremadura, Alentejo, Algarve, Madeira e Açores. Essas casas eram agrupadas em aldeamentos simbólicos com diversas formas de povoações, como também a recriação dos modos de vida, o homem em seu meio. Para isso foram contratadas pessoas para vestirem as roupas das localidades e se comportarem como elas em sua aldeia, em seu dia-a-dia. No *Roteiro dos Pavilhões*, as descrições sobre os detalhes de cada casa representam a realidade de cada província e permitem-nos compreender o que foi pensando para ser visto:

Minho — com casas de granito, ostentando alpendres; mulheres de capucha pela cabeça; o cruzeiro. Trás-os-Montes — com casas negruscas de pedra sem cal; da varanda pendem résteas de cebolas a enxugar; um chafariz. Douro Litoral — casas pouco altas, muito brancas. Beira Litoral e Beira Alta — casas de pedra nua, granito cinzento. Beira baixa — casas de granito e de xisto; a «casa da noiva» de Malpica é um museu de arte rústica: louças, panos, rendas, mobília, alfaia doméstica e agrícola, trem de cozinha e até os noivos; o «Zé da Frita», vestido de peles, guarda as ovelhas e toca pífano ou no oboé; no alto, o moinho de vento gira as velas. Ribatejo, Estremadura e Alentejo — casas feitas de tejo, baixas. Algarve — casas com chaminés de recorte; mulheres trabalham em esparto, homens desfibram a pita e fazem barrigueiras; latada para a seca do peixe; cabras de côres variadas andam fora da aldeia com o pastor que as guarda; um Campo de festas, feiras e romarias [...] <sup>164</sup>.

A Secção da Vida Popular foi concebida pelos arquitetos Veloso Reis e João Simões, sob a autoria dos projetos dos Pavilhões e decorações interiores de Fred Kradolfer, Tomás de Melo (Tom), Bernardo Marques, Carlos Botelho, Emérico Nunes, José Rocha, Estrela Faria, Paulo Ferreira, Eduardo Anahory. Sua temática foi distribuída em seis Pavilhões, da seguinte forma: primeiro o Pavilhão do Prólogo, com uma Secção de Informações, Sala da Síntese, Saleta dos Ourives; Pavilhão Ouriversaria; Pavilhão da Terra e do Mar; Pavilhão das Artes e Indústrias; Pavilhão dos Transportes, Tecelagem e da Olaria; Pavilhão da Doçaria. No Catálogo da Exposição, esta Secção era apresentada como a obra do povo português nas artes populares:

[...] um sorriso enternecedor através das suas criações singulares da sua fé sempre viva e do seu pitoresco próprio, como poeta incapaz de um artificialismo, como artista incapaz de uma obra de mau gosto, dentro do seu génio ancestral de fabricante de milagres [...] <sup>165</sup>.

Na edição do *Roteiro dos Pavilhões* há uma descrição do que estava exposto no *Pavilhão da Terra e Mar*, permitindo-nos uma compreensão do que nesse espaço foi pensado para contar a história presente da “vida popular” do povo português:

<sup>164</sup> ROTEIRO..., 1940, p. 28.

<sup>165</sup> MUNDO..., 1956, não paginado.

Pavilhão da Terra e do Mar: numa ante-sala, alguns trabalhos demonstrativos de artes populares o homem que faz palitos, o pastor alentejano a bordar colheres e chavões para marcar bôlos e o tamanqueiro no seu ofício de fazer tamancos; num grande Salão, 3 quadros com demonstração de algumas Regras, Divisas e Marcas que distinguem uns dos outros marítimos da Povoia de Varzim; uma grande ferradura serve de centro e suporte ao grupo das superstições populares, comuns à gente do mar e da terra (trevo de 4 folhas, lagarto, chifre, galo, etc.) [...] <sup>166</sup>.

Havia também a apresentação dos objetos da cultura popular nas vitrines e artesãos confeccionavam seus artefatos observados pelo público. Na descrição do Catálogo é possível mensurar o impacto que esse espaço causava em razão de sua destinação: “A Sala das Artes e Indústrias dava, em painéis expressivos e sintéticos, a documentação que se lhe pedia, a imaginaria, a cestaria, a olaria, metais e madeiras trabalhadas, todo o pitoresco labor das oficinas do povo, sorriu para nós!” <sup>167</sup>

No espaço do Pavilhão da Vida Popular havia um auditório com pinturas decorativas nas paredes, com representação de festas populares, religiosas, paisagens do campo e cenas da vida rural. Nesse espaço ocorriam as apresentações dos espetáculos do folclore nacional, pois não seria de “bom tom” que essas manifestações culturais do povo ocorressem no Pavilhão de Honra, local reservado para solenidades formais e protocolares durante as Festas Centenárias, com a presença de autoridades.

Na Exposição do Mundo Português, a representação da cultura popular e erudita deveria compor espaços e situações bem definidas. Assim, os espaços foram montados e usados de acordo com suas funções. Partindo-se da idéia de que a Arte Popular “[...] é, sobretudo, ornamental; é, antes de mais uma alegoria de cores ou de tons vivos, que enche a figuração geométrica dos símbolos. Arte simbólica, sobretudo simbólica, a escultura e a pintura populares” <sup>168</sup>, a cultura popular não poderia ser excluída ou esquecida nesta grande exposição, mas não estaria incluída no espaço de Portugal apoteótico e institucional. Coube a Antonio Ferro, diretor do Serviço Nacional da Propaganda, ser o grande idealizador do Centro Regional, em razão de sua própria vida e sensibilidade com as artes e letras. Ele pensou e realizou o Centro Regional, buscando mostrar a “alma do povo português” <sup>169</sup>, seu jeito de ser em seu dia-a-dia.

<sup>166</sup> ROTEIRO..., 1940, p. 30.

<sup>167</sup> MUNDO..., 1956, não paginado.

<sup>168</sup> PINA, Luis. Arte Popular. In: LAGE, Francisco; CHAVES, Luis; FERREIRA, Paulo (Orgs.). *Vida e arte do povo português*. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional, 1940. p. 70.

<sup>169</sup> Essa expressão é utilizada por Antonio Ferro no discurso proferido no banquete na Sociedade Nacional de Belas Artes, em 23 de março de 1935. Ele buscava a valorização do jeito de ser português, da originalidade portuguesa, da simplicidade portuguesa e da valorização da nacionalidade portuguesa expressada, dentre seus vários meios, pela cultura popular. Cf. RAMOS de Ó., 1999.



O Comissário Geral da Expo 1940, Augusto de Castro, em seu discurso na inauguração do Centro Regional, acrescentou que o pavilhão da Vida Popular

[...] vai ter, desde esta hora, a sua paisagem portuguesa, a sua província, o seu traje popular, o seu saboroso recanto de aldeia, de lareira, de arte doméstica, a sombra dos seus casais, das suas indústrias e dos seus barcos moliceiros. Ela não será uma simples apoteose da glória, uma evocação de costumes coloniais, não será apenas uma Exposição da cidade<sup>170</sup>.

Já em relação à cultura erudita, é reconhecida, neste contexto, como superior, de dignidade, de formalismos. Em Luiz Felipe Baêta Neves<sup>171</sup>, podemos entender a diferenciação estabelecida nas duas dimensões da arte. Vejamos o que diz o autor sobre a arte popular:

[...] peça popular seria algo de ‘curioso’, mero acidente encontrado — ou ‘salvo’ — pela cultura mais ‘evoluída’ e ‘avançada’ que a recolheu e observa. Recolheu e observa geralmente em um espaço designado e nomeado para recebê-la como alguma coisa já *a priori* determinada como diferente: museus e exposições ‘de arte popular’<sup>172</sup>.

Essa discussão, entretanto, não é objeto de nosso estudo. Em Menezes<sup>173</sup> encontramos uma avaliação sobre a discussão entre cultura popular e erudita, que corrobora nossa posição de que há um campo a ser estudado na Exposição sobre essa temática, visto que

[...] as relações de antagonismos e de aproximação entre a chamada cultura erudita, sapiente, letrada ou ‘superior’ e a cultura dita vulgar, popular, subalterna ou ‘inferior’ têm atravessado um processo histórico acidentado que se denuncia na variedade conceptual e na imprecisão terminológica frequentes na literatura especializada no assunto [...]

Após a Exposição do Mundo Português, o Pavilhão da Vida Popular foi ocupado pelo Museu de Arte Popular, inaugurado em 1948. Abrigou também o acervo apresentado em 1940, que era de propriedade do Serviço Nacional de Propaganda. Essa “construção efêmera”, como foi definida, sobrevive ao tempo, permanece como espaço/construção e há 59 anos funciona como Museu<sup>174</sup>.

<sup>170</sup> INAUGURAÇÃO do Centro de Regional na Exposição do Mundo Portugues. *Diário de Notícias*, Lisboa, Ano 76, n. 26.724, p. 1, 3 jul. 1940. p. 1.

<sup>171</sup> NEVES, Luiz Felipe Baeta. A noção de ‘Arte Popular’ – uma crítica antropológica. In: 7 BRASILEIROS e seu universo – artes/ofícios/origens/permanências. Brasília/DF: Departamento de Assuntos Culturais do MEC, 1974. p. 46-50.

<sup>172</sup> Ibidem, p. 46, grifo do autor.

<sup>173</sup> MENEZES, Eduardo Diatáhy B. de. Uma Crítica Histórico-Antropológica da noção de cultura popular: suas ambigüidades e relações. *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará*, Fortaleza, CE, Tomo CXVII, ano CVXII, v. 17, p.141-166, 2003. p. 143.

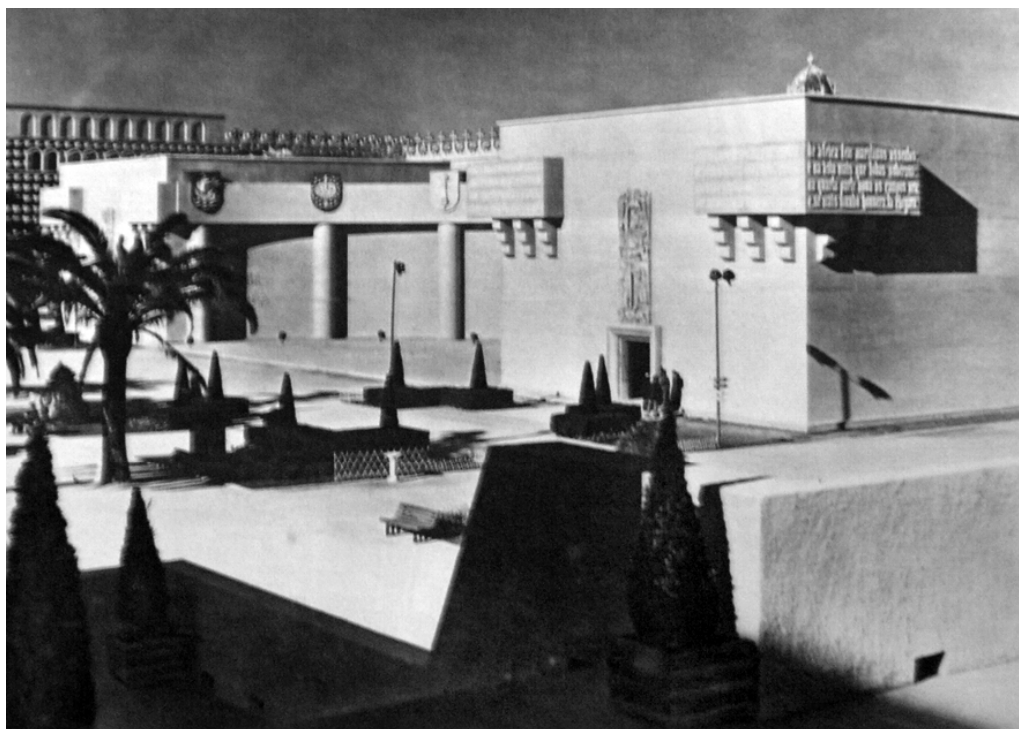
<sup>174</sup> Em 2006, durante nossa pesquisa, não foi possível visitar o Museu, pois se encontrava fechado em virtude de mais uma reforma das instalações arquitetônicas e restauração de pinturas murais e acervo.

Alguns jardins foram criados, sendo o primeiro denominado de “Jardim dos Poetas”, e sua execução ficou sob a responsabilidade do arquiteto António Lino. Para Fernando Pamplona<sup>175</sup>, esse espaço era

[...] um remanso de graça e melancólica, de paz vergiliana no seio da cidade marulhante [...] percorrendo êsse delicioso labirinto, depara-se primeiro com um delicado baixo-relevo de carácter bucólico, da lavra de Antonio da Costa, inspirado em versos de João de Deus; depois, as estatuas «Dama Antiga» e «Varina», de Antonio Duarte, esta vigorosa e grácil, aquela esguia e quequebrada, ambas aprazíveis [...]

O objetivo de ser um espaço destinado à poesia portuguesa, foi ratificado também por Augusto de Castro<sup>176</sup>, quando descreveu o local como:

Poesia Portuguesa — expansão lírica imortal da raça — será dedicado um jardim: o «Jardim dos Poetas». Êsse Jardim será animado pela reprodução plástica através do azulejo, do mármore, da água e das flores, das grandes criações poéticas da Literatura Portuguesa: a «Menina Moça», a «Fonte dos Amores», a «Mofina Mendes», a «Joaninha dos olhos verdes», o «Campo de Flores», etc.



**Foto 39 – Jardim dos Poetas<sup>177</sup>**

<sup>175</sup> PAMPLONA, Fernando. Uma obra de arte: A Exposição do Mundo Português. *Ocidente*, Revista Portuguesa, Lisboa, v. XI, n. 31, p. 164-180, 1940. p. 177.

<sup>176</sup> CASTRO, 1940a, p. 24.

<sup>177</sup> CATÁLOGO..., 1940, p. 135.

A criação de uma Secção Colonial ou de Etnografia Colonial — como foi denominado o segundo jardim, por ter sido instalado no espaço do antigo Jardim Colonial — foi organizada pelo capitão Henrique Galvão, tendo em sua equipe os arquitetos Gonçalo de Mello Breyner, Vasco Palmeiro (Regaleira) e António Lino e o decorador-chefe Roberto de Araújo. A Secção era formada pelo Pavilhão de Caça-Turismo, Capela das Missões, uma Selva, Bairro de Macau, Parque dos Moleques.

Nessa Secção foi realizada a reconstituição das aldeias africanas, com árvores plantadas, para que o público tivesse a sensação de que estava numa floresta. Nesse espaço os africanos eram observados pelos visitantes e suscitavam a curiosidade pelo “raro” e “exótico” que representavam. Esse espaço sofreu muitas críticas, sendo chamado de *Zoológico de humanos*, em virtude da exposição a que foram submetidos os africanos. Atualmente, alguns pesquisadores vêm se dedicando ao estudo desse tema nas Exposições Coloniais, como também na Exposição do Mundo Português<sup>178</sup>.

Na parte central da Exposição estava a Praça do Império, espaço batizado com este nome pelo então Ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, como afirmou Cottinelli Telmo: “Esta é a Praça do Império, criação do sr. Ministro das Obras Publicas e Comunicações”<sup>179</sup>. Segundo Augusto de Castro<sup>180</sup>, a Praça era “[...] o grande átrio da Exposição — animada por fontes luminosas, povoada pela reprodução dalguns dos padrões comemorativos da projecção portuguesa no Mundo, na Europa, como em África e no Oriente”. Possuía dois pares de Cavalos criados pelo artista Antonio Duarte e uma fonte luminosa contornada de brasões portugueses.

E o Tejo, rio que se fez estrada para os portugueses na busca de novos caminhos, obra da natureza, não era uma construção executada pelo Comissariado da Exposição do Mundo Português em 1940. Era, entretanto, identificado como um símbolo da expansão dos portugueses, por isso era uma justa homenagem, a que veio nas palavras do Sr. Augusto de Castro<sup>181</sup>, quando discursou:

Tejo, rio sagrado da Humanidade, como o Ganges e como o Nilo; Tejo, eterno cavaleiro andante do céu, foste tu, desta barra, em que o sonho tomou corpo e a

<sup>178</sup> Para maiores esclarecimentos sobre essa temática consultar RIBEIRO, Omar Thomaz. *Ecos do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: UFRJ; Faperj, 2002; e CUNHA, Marcelo Bernardo da. *Teatro de memórias, palco de esquecimentos: culturas africanas e das diásporas negras em exposições*. 2006. 261 fl. Tese (Doutorado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

<sup>179</sup> Afirmação de Cottinelli Telmo, quando da apresentação da maquete da Exposição aos jornalistas. A EXPOSIÇÃO..., 1939a. p. 15.

<sup>180</sup> CASTRO, 1940a, p. 27-28.

<sup>181</sup> *Ibidem*, p. 27.

apoteose tomou alma, que nos ensinaste o mar e nos desvendaste o Mundo! Tejo que viste alvorecer o dia de Julho de 1497 em que Vasco da Gama embarcou para nos ir buscar a Índia; que balouçaste, no teu dorso heróico, a nau «S. Gabriel»; Tejo que conheceste a maravilha dessa manhã de Março de 1500 que nos deu o Brasil e que iluminaste, na imensa visão atlântica, os olhos de Pedro Álvares Cabral; Tejo das caravelas; Tejo que acenaste o teu lenço azul de despedida aos olhos de Sacadura Cabral e Gago Coutinho; meu Tejo em flor, pátria da grandeza de Portugal; Tejo, cinto de prata e de sol de Lisboa — eu te saúdo!

Não podemos deixar de destacar a *iluminação* e o *som*, aspectos que permitiram a encenação dos oito séculos de história, dando intensidade e relevância para a estrutura montada em Belém. Com relação ao som, os serviços técnicos ficaram a cargo da Philips Portuguesa SARL, e foram aprovados de acordo com o apresentado no “Plano para o projeto de uma provável instalação de distribuição de som nos exteriores e interiores dos Pavilhões da Exposição do Mundo Português”<sup>182</sup>, que pretendia distribuir pelos Pavilhões o som por índice de potência nominal e wats, assim definidos:

- I. Aldeias Portuguesas - PN= 88 w
- II. Etnografia Metropolitana e Cervejaria - PN = 42 w
- III. Restaurante espelho de Água - PN= 40 w
- IV. Bar Pingüim - PN= 40 w
- V. Praça do Império-Avenida da Índia - PN=375 w
- VI. Teatro do Pavilhão de Honra - PN= 36 w
- VII. Bairro Comercial - PN= 84w
- VIII. Parque da Porta de Belém - PN= 20w
- IX. Parque Sul - PN= 20 w
- X. Porta da Fundação - PN= 30 w
- XI. Porta de Cascais - PN= 20 w

Sobre a distribuição do som nos espaços abertos e no interior dos Pavilhões, foi proposto o seguinte: Pavilhão da Secção Histórica: som exterior; Lisboa Seiscentista: sem som; Lisboa do Futuro: som interior e exterior; Pavilhão de Festas: som interior e ligação à cabine central para retransmissão a todos os setores dos programas ali realizados, sempre que interessasse ao Comissariado da Exposição do Mundo Português; Praça Império, Avenida da Índia, Síntese do Mundo Português: dispersão de som; Portugal 1940 e Brasil: som interior e exterior. Mudanças ocorridas ao longo do processo determinaram que o som seria distribuído em sub-cabines individualizadas, tendo uma cabine central que permitia a separação dos exteriores e dos interiores. Sobre o resultado, Ramos<sup>183</sup> avalia:

<sup>182</sup> RAMOS, Barroso. O som na exposição histórica do mundo português. *A Arquitectura Portuguesa - Cerâmica e Edificações*, Lisboa, Separata do n. 73, p. 3-22, abr. 1941. p. 3.

<sup>183</sup> RAMOS, *ibidem*, p. 19-20.

Inaugurada a Exposição, da qual era Diretor de som o ilustre Engenheiro Manuel Bivar, teve como Diretor musical o ilustre professor e compositor Sr. Jaime Silva (Filho), a quem se deveu em grande parte o brilho que a instalação emprestou a Exposição, através da criteriosa escolha dos programas difundidos e apropriados a cada local, que menos não era lógico esperar da sua preciosa sensibilidade artística.

Como mestre e artista, soube ainda aproveitar todos os recursos da instalação quer na transmissão de programas das festas realizadas nos vários recintos da Exposição, quer nas combinações que era possível fazer.

Um outro ponto a ser destacado sobre a iluminação, é o comentário de Pedreirinho<sup>184</sup>:

Um dos aspectos mais interessantes desta arquitectura de «cartaz» como Cottinelli Telmo gostava de se lhe referir, diz respeito ao cuidado com que os efeitos de iluminação foram desde o início concebidos, destacando planos e jogando claramente com eles como parte integrante dos próprios edifícios, ou pelo contrário limitando-se à simples iluminação dos edifícios construídos, realçando diferentes formas de concepção de cada um dos arquitectos.

Na reunião realizada pelo Commissariado da Exposição do Mundo Português, encontramos nas atas dois registos relativos à questão da iluminação do espaço da Exposição, que demonstram a importância atribuída à questão. O primeiro informe ocorreu na reunião realizada em 21 de novembro 1939, Acta nº 44, com as presenças dos senhores Júlio Dantas, Linhares Lima, Antonio Ferro, Augusto de Castro, Reinaldo dos Santos e Silveira e Castro, sendo decidido, com base em uma sugestão de Antonio Ferro, “Que se exponha ao Exmº Senhor Presidente do Conselho a situação criada pela Guerra na parte que se refere à licença de exportação e transporte do material eléctrico encomendado à França [...]”<sup>185</sup>.

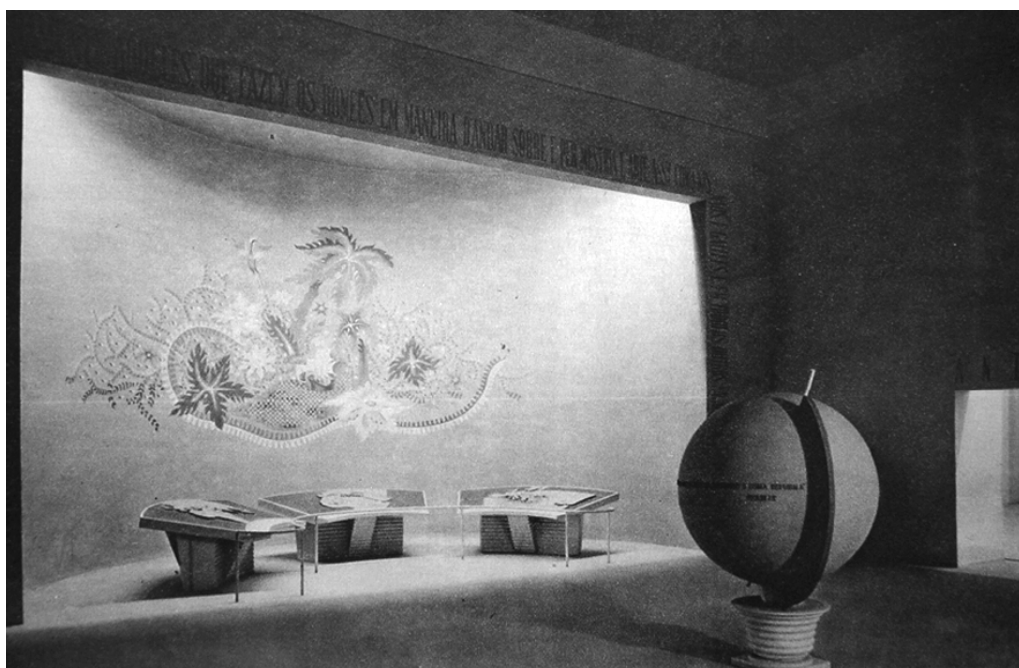
Três meses depois, na reunião realizada em 2 de janeiro de 1940, Acta nº 49, participaram os senhores Júlio Dantas, Linhares Lima, Antonio Ferro, Augusto de Castro, não compareceu por problemas de saúde Reinaldo dos Santos, e Silveira e Castro. Na oportunidade, o senhor Júlio Dantas apresentou e foram aprovados os custos referentes à iluminação da exposição, informando “[...] as alterações da empresa Electro — reclamo relativas ao fornecimento eléctrico de luz para a Exposição do Mundo Português, no total de 3.440.800\$00 e a parcela de 688.160\$00”.

Importante registrar que a proposta iluminotécnica para o espaço expositivo estava dividida em dois momentos. O primeiro, relativo ao espaço externo, buscava destacar os detalhes da arquitetura, das estátuas, com efeitos de luz para permitir ao visitante uma

<sup>184</sup> PEDREIRINHO, 1990, p. 123.

<sup>185</sup> Actas das reuniões da Comissão da Exposição de 1940. Acta 46,12 de dezembro 1939. p. 8. (ANTT- SNI 2820).

sensação de espetáculo e grandiosidade pelo jogo de iluminação. O segundo diz respeito à iluminação decorativa como recurso expositivo no interior dos Pavilhões, uso da projeção do foco de luz para ambientar algumas salas, o efeito da iluminação para que as estátuas fossem projetadas nas paredes como sombras que se duplicavam e causavam um impacto aos visitantes, em virtude do resultado do jogo das sombras. Um outro ponto era a ausência de iluminação no ambiente, sendo colocado apenas em pontos determinados, para possibilitar um efeito de penumbra, resultando num direcionamento do olhar do visitante, permitindo também a teatralização, a partir dos efeitos de iluminação nos objetos e na arquitetura.



**Foto 40 – Efeito de iluminação nos espaços expositivos para o destaque das vitrines e pinturas murais<sup>186</sup>**

No Boletim Geral das Colônias, na edição dedicada à Exposição do Mundo Português, há uma referência aos efeitos provocados pela luz, o que demonstra, com muita propriedade, os resultados que a iluminação proporcionava ao discurso expositivo. Augusto de Castro<sup>187</sup> faz referência aos efeitos esperados com a aplicação da luminotecnia sobre a “Esfera dos Descobrimentos”, como constatamos em seu texto:

A luz ajudava a acreditar que aquela abóbada celeste era profunda e imensa, na realidade daquela ficção das terras da Europa, da África misteriosa, da Nova América, da Ásia longínqua, da Oceania desconhecida, dos mares que as nossas caravelas atravessaram!

<sup>186</sup> CATÁLOGO..., 1940, não paginado.

<sup>187</sup> CASTRO, 1941a, p. 187.



**Foto 41 – Efeito de iluminação nos espaços expositivos para o destaque e efeito nas esculturas e pinturas murais<sup>188</sup>**

João Maria Amaral<sup>189</sup>, em artigo intitulado *As iluminações na Exposição do Mundo Português*, apresentou uma avaliação acerca dos trabalhos que foram necessários para que a luz, tanto geral como decorativa, permitisse maior brilho ao evento. Segundo o autor: “[...] a sua resolução exigia a intervenção de arquitectos, artistas e luminotécnicos numa colaboração íntima, de modo a obterem-se, dentro do espírito das linhas arquitectónicas e decorações de todos os pavilhões, os melhores efeitos de luz [...]”<sup>190</sup>. Para atingir esses efeitos foram usadas como recursos lâmpadas incandescentes, lâmpadas filtradas a cores, luz negra (lâmpadas de wood), tubos luminescentes. Assim, com a iluminação, foi possível promover os “[...] efeitos de mar na nau do Pavilhão dos Descobrimentos [...]”<sup>191</sup>.

<sup>188</sup> MUNDO..., 1956, não paginado.

<sup>189</sup> AMARAL, João Maria do. As iluminações da Exposição do Mundo Português. *Boletim da Ordem dos Engenheiros*, Lisboa, ano IV, n. 48, p. 473-482, dez. 1940.

<sup>190</sup> Ibidem, p. 473.

<sup>191</sup> Ibidem, p. 478.



**Foto 42 – Efeito luminotécnico do Pavilhão Portugueses no Mundo<sup>192</sup>**

---

<sup>192</sup> MUNDO..., 1956, não paginado.





**Foto 43 – Efeito luminotécnico do interior de uma sala do Pavilhão Portugueses no Mundo<sup>193</sup>**

O resultado da soma de todos esses projetos (arquitetura, expografia, som e luz) para a efetivação da Exposição pode ser entendido no final do livro de Augusto de Castro<sup>194</sup>, na passagem que o autor chama de “uma pequena anedota”, que relata a visita feita por dois amigos lusitanos à Exposição do Mundo Português. Decidimos apresentá-la na íntegra, para que seja mantido seu sentido e seus objetivos, pois se trata de um texto que conta uma situação “singela” e ao mesmo tempo representativa da expressão da alma do povo português após os festejos comemorativos do Duplo Centenário:

Uma pequena anedota, duma saborosa e emotiva simplicidade, pode melhor do que qualquer legenda ou comentário, dar da finalidade e repercussão moral da Exposição do Mundo Português a síntese e a intenção.

<sup>193</sup> CATÁLOGO..., 1940, p. 143.

<sup>194</sup> CASTRO, 1940a.

Contá-la em duas linhas.

Dois homens da nossa província percorreram há dias o Certame de Belém. Um dêles era o guia do outro. Deviam ser da mesma terra. Mas um, mais vivido, mais conhecedor das letras e mais prático de Lisboa, tinha tomado sôbre si o encargo de explicar ingênuamente ao outro, visitante recém-chegado à capital, mais ignorante e mais tímido, o que iam vendo. Tinham visitado alguns Pavilhões Históricos. Concluíam a enfiada grandiloqüente dos «Portugueses no Mundo». O mais instruído soletrára as legendas, interessára-se pelas datas, indicára ao outro as figuras.

À saída, comovidos, fatigados, pararam um pouco. Tinham atravessados séculos de glória — duma glória que cada um dêles, instintivamente, pela primeira vez, sentia sua. Ficaram calados um momento. E então o cicerone, o provinciano «lisboeta», bateu altiva, comovidamente, no ombro do outro e resumiu, com um acento de orgulho:

— Agora já tu sabes o que é ser português!...

«Saber o que é ser português», meu honrado homem da Beira ou do Alentejo, do Douro ou do Minho (pouco importa)! Nem tu sabes como numa frase só, nascida, como duma fonte de água pura, no íntimo da tua consciência, pudeste dar-nos a todos os que dirigimos ou realizamos a Exposição, um prémio e um ensinamento.

Nenhum elogio poderia tocar mais vivamente o coração e o espírito daqueles que, durante curtos, mas ansiosos meses, se inclinaram, obreiros incansáveis, sôbre a evocação imorredora de Portugal para dela arrancarem as páginas daquêle álbum de imagens. Nenhuma referência poderia mais profundamente sorrir-nos ou recompensar-nos, a nós que sonhamos, vimos nascer, palpitar e tomar corpo e ideal a Exposição, do que esta ingênua, altiva expressão dum ignorado e anónimo compatriota.

«Saber o que é ser português!» Mas para merecer êste grito vindo do fundo duma alma humilde e confiante, valeu certamente a pena reunir, pensamento por pensamento, sombra por sombra, dístico por dístico, pedra a pedra, êste Portugal de alegorias e de símbolos que é a Festa da nossa História.

«Saber ser português» — se tu lêste isto, vigilante, esquecido e desconhecido amigo, nas iluminuras e no fulgor das coisas que te deslumbram, é porque alguma coisa e vivo, de verdadeiro, de sincero, de instintivo encontrei — e isso nos basta!

O grande Roteiro Luminoso, que, como complemento, índice e sumário da visão histórica de Portugal, constitue a Exposição de Belém, não ambiciona, como legenda, outro juízo, nem outra inspiração, além destas palavras exemplares.

«Saber ser português» não é apenas conhecer a tradição e amar a imortalidade da nossa Raça: é também sentir o seu apelo e confiar na sua voz que, do Passado, nos fala para nos ensinar o Presente. Não é apenas catalogar glórias: é partilhá-las e vivê-las. Não é sômente louvar e admirar — é também crer. É da alma da Pátria sentir, na nossa própria alma, a raiz e a flor. Saber ser português é orgulho e ideal, é devoção e êxtase, é sacrifício e enlevo.

A lição da Exposição não pode ser outra.

Se a realizou, realizou o seu fim<sup>195</sup>.

A preocupação em relatar essa história, pontuando seus resultados na alma do povo após percorrer os Pavilhões, era, sem dúvida, uma forma de abrandar as adversidades da situação vivida pelos portugueses em 1940 e que, conseqüentemente, estavam fora do cenário figurativo e ilusório da Exposição. No decorrer da narrativa do texto, é ressaltado o resultado da Exposição em elevar a alma e o orgulho do povo português sobre seus oitocentos anos de história no mundo. Isto porque, o país que festejava e gastava milhões de escudos para comemorar seus oito séculos de história, numa cidade de ilusões, apresentava dados de sua realidade que eram preocupantes e não podiam ser celebrados.

<sup>195</sup> CASTRO, 1940, p. 215-218.

Em 1940, a população portuguesa era estimada em 7.755.423 de habitantes<sup>196</sup>. Ao avaliar as Festas Centenárias, Cansado Gonçalves<sup>197</sup> faz uma reflexão que permite o entendimento das controvérsias relacionadas às festas. Enquanto o governo investia milhões de contos para contar uma história, do outro lado havia uma história real, com uma narrativa que somava miséria, necessidades, pobreza e analfabetismo: a do povo. E, numa quase paródia, o autor contrapõe os dois cenários:

Cenário a Exposição dos Centenários, com luz a jorros, quando o preço da eletricidade é proibitivo para os operários, que se iluminam a petróleo; lindos pavilhões de estafe, quando milhares de operários, mesmo em Lisboa vivem nas cavernas de Monsanto e em dezenas de bairros da lata; cenário as fontes luminosas e monumentais quando a água custa um preço impossível para ser pago por quem vive de salário; cenário a auto-estrada para os milionários do Estoril, quando na maior parte do País não há caminhos transitáveis; cenário o Estádio Nacional, quando a juventude trabalha subalimentada; cenário a reconstrução da Marinha de Guerra, quando se desce o pré dos marinheiros e quando temos a pior frota comercial da Europa e territórios colóniais espalhados pelas cinco partes do mundo; cenário o Instituto Superior Técnico para formar vinte e três engenheiros por ano (é o número exacto dos que se formaram o ano passado), quando as escolas industriais estão instaladas em pardieiros e ficam todos os anos milhares de alunos por matricular por falta de vagas [...] <sup>198</sup>.

Em seu relato, Cansado Gonçalves avalia diversos aspectos do cotidiano da nação. No aspecto econômico, o país apresentava uma economia que era tradicionalmente agrária e atrasada. No que diz respeito à industrialização, possuía “[...] uma indústria moderna praticamente incipiente no dealbar da década de 30; com um diminuto sector verdadeiramente moderno de serviços, para um tal tipo de economia, o crescimento populacional, sem a válvula de escape da emigração, constituía um problema crucial.” <sup>199</sup>. Um outro ponto a ser considerado, diz respeito à questão educacional, porque 49% da população portuguesa acima dos 7 anos era considerada analfabeta.

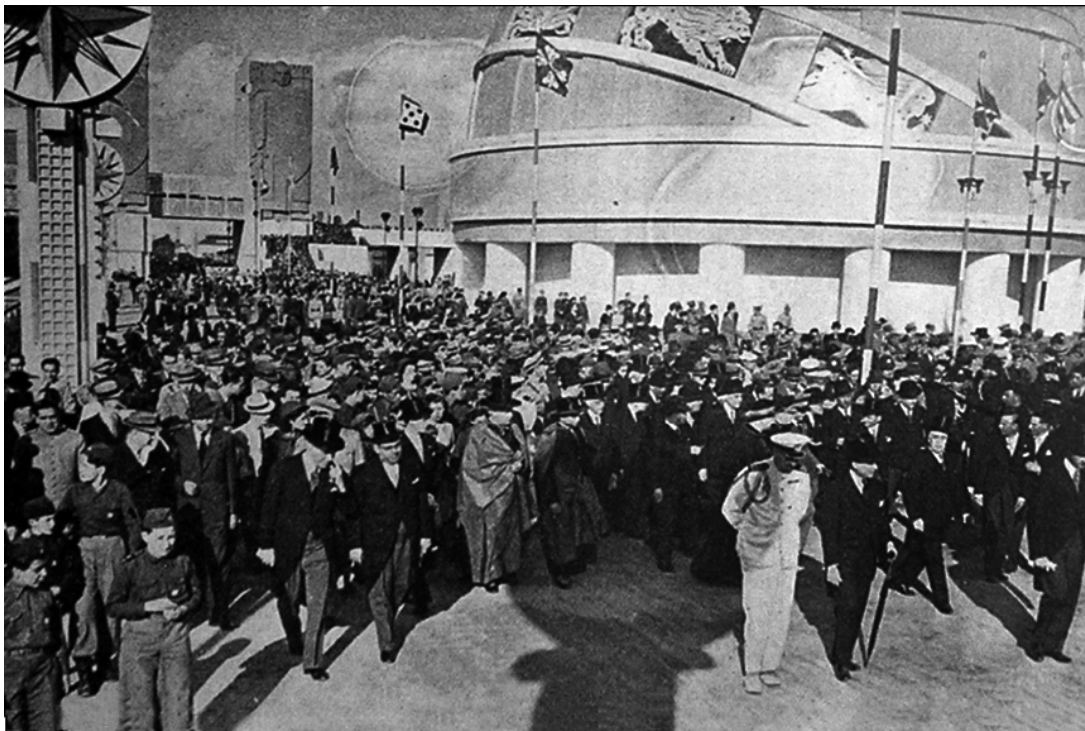
---

<sup>196</sup> ROSAS, 1994, p. 22.

<sup>197</sup> GONÇALVES, Cansado. *A traição de Salazar: uma análise dos primeiros anos do Fascismo Português*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1974.

<sup>198</sup> *Ibidem*, p. 22-23. O autor nasceu em 1903, participou da Revolução de 1927. Em 1931 foi preso, passando a viver na ilegalidade e colaborando com publicações usando os pseudónimos: Mário Seabra Novais (O Diabo), Antonio Fazenda e Pedro Aguiar Nogueira. GONÇALVES, 1974.

<sup>199</sup> *Ibidem*, p. 23.



**Foto 44 – Equipe, Autoridades e convidados na inauguração da Exposição do Mundo Português<sup>200</sup>**

A justificativa para a exclusão do presente — que no caso é o Estado Novo —, ficou expressa no discurso de inauguração do Pavilhão de Portugal 1940, feito pelo Secretário de Propaganda Nacional, Sr. Antonio Ferro<sup>201</sup>, que explicitava o objetivo da Exposição de apresentar os portugueses do passado, os de *espada e capa*. Entendemos que a Exposição possibilitou ao governo do Estado Novo reavivar no espírito do povo português os feitos notáveis do passado, já que se glorificou e reviveu com orgulho, como o “português da anedota”, a capacidade dos descobridores do mundo, responsáveis por criar uma extensão territorial que ultrapassava o continente e os limites fronteiriços de seu território na Península Ibérica. Pelo mar o país cresceu e se fez grande. Assim, como ressaltou o Secretário: “Marcamos o lugar do nosso Passado e do nosso Presente dentro da Exposição do Mundo Português [...]”<sup>202</sup>

Continuando sua análise sobre a Exposição e sua função no que tange ao lugar assente do passado, Antonio Ferro justifica:

<sup>200</sup> MUNDO..., 1956, não paginado.

<sup>201</sup> FERRO, Antonio. Discurso na Abertura da Exposição do Mundo Português. *Boletim Geral das Colónias*. Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 1140-1640-1940, Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 232-238, jan.1941.

<sup>202</sup> *Ibidem*, p. 237.

A Exposição do Mundo Português é a primeira grande Exposição de História que se realiza no Mundo, simptuoso volume de imagens vivas, suave despertar das crónicas dos velhos tempos, iluminado Livro de Honra, de tôdas as nossas horas. O passado é, portanto, o natural protagonista desta Exposição. O que se desejou, precisamente, foi desenterrá-lo dos monótonos compêndios escolares, de certas obras valiosas, mas demasiado extensos, para o ergue, redivivo, juvenil, real, diante dos portugueses de hoje [...] <sup>203</sup>.

Na Exposição, o passado era a tônica das propostas expositivas nos pavilhões, tendo por objetivo “contar”, “narrar” e “exaltar” os feitos grandiosos do que foi realizado por determinadas figuras na História de Portugal. Também vamos encontrar essa mesma linha de opção expositiva no espaço dedicado ao “Brasil Colonial”, um “resgate”, congelado e ressuscitado, da história do Brasil em 1500. Um outro ponto é a ênfase no passado medieval, manifesta em todos os motivos decorativos, evidenciando o entendimento subjacente à *Cidade das Ilusões* e às festas dos oitocentos anos de história do povo português de que no passado estava a lição para o presente e a sustentação do futuro no Portugal de 1940.

A *Cidade das Ilusões* foi também vista por convidados estrangeiros e pelas representações de autoridades e embaixadas que, a despeito da Guerra, foram enviadas a Lisboa. No Quadro 10 estão registrados os países representados no evento <sup>204</sup>. Em alguns casos foi possível a referência nominal dos representantes que foram a Lisboa para comemorar com as autoridades portuguesas os oito séculos de História de Portugal.

País	Número de representantes	Representantes identificados
Chile	3	
China	3	
Dinamarca	Em branco	
Egito	Em branco	
Espanha	5	
EUA	5	
Finlandia	1	
França	Em branco	
Grecia	1	
Holanda	1	
Hungria	1	
Inglaterra	1	
Iran	Em branco	
Itália	7	
Japão	1	
Letónia	1	Ministro em Lisboa

<sup>203</sup> FERRO, 1941, p. 232.

<sup>204</sup> Vinda a Portugal de missões especiais e extraordinárias de Governos estrangeiros. (AOS/CO/PC 22 A 1940, Fev.22- Julho, 19).

País	Número de representantes	Representantes identificados
Lituânia	1	Ministro da Lituânia em Paris
Luxemburgo		
Marrocos		
México	2	
Noruega	1	Ministro em Lisboa
Paraguai	1	Ministro em Lisboa
Peru	4	Mais esposas
Polónia	1	Ministro em Lisboa
Romênia	5	
Suécia	1	
Suíça	1	
Turquia	1	
União Sul Africana	1	Ministro em Lisboa
Uruguai	4	
Vaticano	3	Núncio Apostólico em Lisboa Monsenhor Pietro Ciriaci, Arcebispo Titular de Tarso e Consultor da Legação Junto Santa Sé
Venezuela	1	Ministro em Madrid
Iugoslávia	1	Ministro em Madrid
Brasil	12	Embaixada Extraordinária: Emb. Extº e Plen. General de Divisão; Francisco Jose Pinto-acompanhado de sua esposa; Env. Extº e Plen. Edmundo da Luz Pinto- Ministro Plenº (orador oficial); Env. Extº e Plenº Olegário Mariano, da Academia Brasileira de Letras; Env Extº e Plenº Caio de Melo Franco, Minº Plen. Acompanhado de sua esposa; Representante da Marinha Fróes da Fonseca Capitao de Mar e Guerra, acompanhado de sua esposa; Representante da Marinha Augusto do Amaral Peixoto Jr.-Capitao Tenente, acompanhado de sua esposa; Representante do Exercito Tristão de Alencar Araripe-Tenete Coronel; Representante do Exercito Francisco Afonso de Carvalho-Major; Assistente Militar Capitão Euclides Fleury; Secretario Jorge Emilio de Sousa Freitas e esposa; Secretario Drº José Julio Galiez e Adido Hugo de Macedo
Alemanha	10	Embaixador Dr. Barão Oswald Hoymingen Huene (Ministro em Lisboa) mais 9 representantes, Conselheiros, Adidos e Adjuntos.
Argentina	5	Embaixador General Nicolas Accame mais 4 representantes.
Bélgica	1	Embaixador Senhor Conde Baudoin de Lichtervel De Ministro de Lisboa

### Quadro 10 – País e número de representantes nas Festas Centenárias<sup>205</sup>

Os dados apresentados demonstram que o momento de instabilidade ocasionado por um continente em guerra não impediu a participação das representações diplomáticas, dos conferencistas e do público nacional e estrangeiro nas festas centenárias. Esse fato também ficou registrado no discurso do Dr. Julio Dantas<sup>206</sup>, na abertura do Congresso do Mundo

<sup>205</sup> Os dados apresentados neste quadro foram trabalhados a partir da informação contida no documento ANTT-AOS/CO/PC 22 A 1940, Fev, 22- Julho, 19.

<sup>206</sup> AS PRAIAS portuguesas, neste momento são um dos últimos lugares da Europa onde existem alegria, a liberdade e a paz. *Diário de Noticias*, Lisboa, p. 1, 11 ago. 1940. (Arquivo Municipal de Lisboa).

Português, no Palácio da Assembléia Corporativa, quando agradeceu a presença dos “[...] eruditos espanhóis, franceses, ingleses, alemães, italianos, belgas, holandeses, suíços, romenos, norte americanos, sul africanos enviaram o contributo de mais de cem comunicações e memórias e muitos dêles vêm trabalhar connosco fraternalmente.”

Esse clima de local privilegiado de paz em tempos de guerra pode ser percebido nas matérias veiculadas na imprensa portuguesa durante as festas, com títulos sugestivos como “As praias portuguesas, neste momento são um dos últimos lugares da Europa onde existem alegria, a liberdade e a paz”<sup>207</sup>. A reportagem é enriquecida por fotos de adultos e crianças nas praias de Estoril e Figueira da Foz, clicados em momentos de descontração e de muita alegria. A matéria finalizava com o registro de que o oásis português servia também aos estrangeiros:

[...] nelas se descobrem inúmeros estrangeiros — fugidos às calamidades desencadeadas sobre suas remotas pátrias. Numa vaga dramática e repentina afluíram — em busca dum abrigo dum protecção. Dum oásis. Ei-los entre nós familiarizados já convalentes, surpreendidos por verem tão azul e tão sereno o céu [...] <sup>208</sup>.

Um outro ponto a ser considerado foi o grande investimento do Estado para a participação de religiosos — Cardeais estrangeiros — representando a Fé nas Festas Centenárias. Acreditamos que essa preocupação estava na ordem do dia em razão da relação que estava sendo costurada entre a Igreja e o Estado, para resolver o problema gerado quando da instalação da primeira república (1910), que proibiu o culto religioso cristão e determinou a apropriação dos bens da Igreja, resultando no rompimento de relações entre o Estado e a Santa Sé. Para Maria Inacia Rezola<sup>209</sup>:

[...] os católicos depositaram enormes esperanças na nova ordem. O chefe do Governo iniciara a sua carreira no partido da Igreja, era um católico assumido e amigo pessoal do cardeal patriarca Gonçalves Cerejeira. Para muitos, Salazar é uma escolha da providência, oferecendo aos católicos e a Igreja amplas garantias não só respeito como protecção e liberdade de acção.

Para estabelecer a solução dos problemas existentes entre o estado português e a Igreja, no rastro das várias ações realizadas em razão das comemorações do Ano Áureo, foi assinado no Vaticano, pelo papa S.S. Pio XII e a República Portuguesa, a Concordata de 1940<sup>210</sup> com 31 artigos. A Introdução apresentava uma espécie de resumo das ocorrências que levaram ao acordo:

<sup>207</sup> AS PRAIAS..., 1940, p. 1.

<sup>208</sup> Ibidem, p. 1.

<sup>209</sup> REZOLA, Maria Inacia. A igreja católica portuguesa e a consolidação do salazarismo. In: PINTO, Antonio Costa; MARTINHO, Francisco (Orgs.). *O corporativismo português: estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 241-271.

<sup>210</sup> WIKIPEDIA..., 2007.

Em nome da Santíssima Trindade  
Sua Santidade o Sumo Pontífice Pio XII e sua Excelência o Presidente da Republica Portuguesa, dispostos a regular por mútuo acordo e de modo estável a situação jurídica da Igreja Católica em Portugal, para a paz e maior bem da Igreja e do Estado, resolveu entre si uma solene Convenção que reconheça e garanta a liberdade da Igreja e salvguarde os legítimos interesses da Nação Portuguesa, inclusivamente no que respeita às Missões Católicas e ao Padroado do Oriente<sup>211</sup>.

Com a Concordata<sup>212</sup> ficava garantido o retorno da propriedade patrimonial da Igreja, inclusive os objetos religiosos de culto que tinham sido retirados e se encontravam em museus, excetuando-se os que foram classificados como “monumentos nacionais”. No âmbito educacional, o que interessava mais à Igreja era o ensino regulado pela doutrina cristã. Ao analisar o resultado de três anos de negociações para a elaboração do referido documento, Rezola<sup>213</sup> afirma: “[...] a concordata confere um amplo conjunto de privilégios à Igreja. Desde logo porque a República Portuguesa lhe reconhece personalidade jurídica e lhe garante o livre exercício da sua autoridade, organização e culto [...]”



**Foto 45 – Foto do *Te Deum* celebrado na abertura das Comemorações Centenárias<sup>214</sup>**

<sup>211</sup> WIKIPEDIA..., 2007.

<sup>212</sup> Análise restrita aos artigos 6º, 10º e 21º da Concordata de 1940.

<sup>213</sup> REZOLA, 2007, p. 263.

<sup>214</sup> MUNDO..., 1956, não paginado. Cerimônia religiosa da secção de abertura das Comemorações Centenárias.



Com relação à representação religiosa brasileira, localizamos um Ofício que demonstra certo desconforto sobre esse assunto e problemas quanto à participação do Cardeal do Brasil nas festas. No documento escrito pelo Dr. Julio Dantas, com uma observação a lápis em vermelho, informando que o conteúdo era *reservado e confidencial*, constava:

Julgo, entretanto, conveniente levar ao conhecimento de Sua Ex<sup>a</sup>. o Presidente do Conselho a título reservado e confidencial, alguns pormenores sobre o assunto, que não podiam constar de ofício ostensivo.

Em primeiro lugar, devo dizer que Sua Eminência o Cardeal Patriarca, com quem ante-ontem me avistei, teve a benevolência de informar-me de que o Cardeal D. Sebastian Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, não pode vir a Lisboa por ocasião das Comemorações Centenárias, encontrando-se na deliberada intenção de não aceitar qualquer convite que nesse sentido lhe seja dirigido. O ultimo telegrama do Cardeal Leme, recebido por Sua Eminência, não dá lugar a que se insista em convite oficial, ou porque se agravassem os padecimentos resultantes do bócio exoftálmico de que sofre, ou por outra qualquer razão, não podemos contar com a Sua presença, sem duvida prestigiosa e particularmente significativa. Foi esta a única diligência feita, alias a título particular, por Sua Eminência o Cardeal Cerejeira junto de purpurados<sup>215</sup> estrangeiros. Infelizmente, não deu resultado<sup>216</sup>.

E apresentava ao Presidente do Conselho, como sugestão para resolver o problema, a seguinte proposta:

Uma solução ousada apresentar à benévola atenção do Senhor Presidente do Conselho, certo de que Sua Ex<sup>a</sup> não estranhará que quem traçou o programa da cerimónia dos Jerónimos a deseje tornar quanto possível grandiosa. *Não se faria nenhum convite pessoal a cardeais estrangeiros; mas insinuar-se-ia, de maneira discreta, aos Chefes de missão daquelas três nações católicas mais ou menos nossas colaboradoras na obra dos descobrimentos, que, tendo essa obra sido realizada à sombra da Fé, Portugal veria com agrado a presença de um dos seus Cardeais nas Embaixadas extraordinárias que em junho nos visitassem [...]*<sup>217</sup>.

E assim foi deliberado e, por meio desse artifício proposto por Dr. Julio Dantas, Salazar conseguiu que os Cardeais comparecessem como membros de suas Embaixadas, o que resultou na presença dos representantes da Igreja<sup>218</sup> em todos os eventos que ocorreram na Exposição do Mundo Português e também em outros eventos da programação das Comemorações Centenárias. Inclusive tomaram para si o ato solene de abertura, que está

<sup>215</sup> Elevado à dignidade de cardeal. KOOGAN, Abrahão; HOUAISS, Antonio. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; Edições Delta, 1994. p. 691.

<sup>216</sup> Proc. Nº 130. Exmº Senhor Antero Leal Marques, ilustre Chefe do Ofício nº 3395 Gabinete de Sua Ex<sup>a</sup> O Presidente do Conselho: Possível vinda a Portugal de Cardeais estrangeiros para as Comemorações Centenárias. (AOS/CO/PC 22 A 1940, Fev, 19 de Março, 7).

<sup>217</sup> Proc. Nº 130 Exmº Senhor Antero Leal Marques, ilustre Chefe do Ofício nº 3395 Gabinete de Sua Ex<sup>a</sup> O Presidente do Conselho: Possível vinda a Portugal de Cardeais estrangeiros para as Comemorações Centenárias. (OS/CO/PC 22 A 1940, Fev, 19 de Março, 7).

<sup>218</sup> Representando o Vaticano, compareceu o Núncio Apostólico em Lisboa, Monsenhor Pietro Ciriaci, Arcebispo Titular de Tarso e Consultor da Legação junto à Santa Sé.

registrado no Programa das Comemorações, o *te deum laudamos*<sup>219</sup>, que iniciou as comemorações, no dia 2 de junho, e o encerrou no dia 1 de dezembro de 1940. As celebrações religiosas eram o reconhecimento espiritual do Estado Novo Português em 1940. Os numerosos atos religiosos realizados podem ser visualizados no Quadro 11:

Épocas	Atos religiosos
Medieval 2-15 Junho	Inauguração das comemorações nacionais. <i>Te-Deum</i> na Sé Patriarcal e em todas as Sés de Lisboa colegiados e velhas igrejas matrizes de Portugal e do Império.  Missa Campal.  Repicam os sinos em todas as igrejas de Portugal imperial  Cerimônia religiosa na Sé Primaz  Visita à Sé: comemoração da concessão do foral pelo bispo Hugo (1123); evocação dos bispos fundadores  Cerimônia cívico-religiosa na igreja de Santa Cruz, perante os túmulos de Afonso Henriques e de Sancho I  Romagem do povo à Sé  Representação, no adro da Sé de Lisboa, de orna obra hierática alusiva.  Missa campal no rochedo de Sagres; bênção ritual do Mar.
Imperial 16 de junho-14 de julho	Missa de pontifical e ato imperial na Igreja dos Jerónimo, em que usará da palavra Sua Eminência o Cardeal Patriarca
Período Intercalar Correspondente às férias 10 de agosto-30 outubro	Celebração do concurso de Portugal na defesa da Espanha cristã: acto comemorativo da batalha do Salado (1340) na Sé de Évora.
Época Brigantina 10 de novembro a 2 de dezembro	Romagem à Igreja da Graça, de Santarém, onde repousa Pedro Alvares Cabral. Leitura, junto à campa do Descobridor, de trechos da carta de Pero Vaz do Caminha.  Homenagem à memória do Padre António Vieira, na Igreja de S. Roque: reconstituição de um dos sermões prègados naquele púlpito pelo grande orador.  <i>Te Deum</i> na Sé de Lisboa

### Quadro 11 – Atos Religiosos ocorridos nas Festas Centenárias<sup>220</sup>

<sup>219</sup> Para maiores detalhes, cf. A IGREJA e as Comemorações. *Boletim das Colônias*, Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 89-138, 1941. Esta matéria apresenta os discursos dos representantes da Igreja e do Estado. Além de uma retrospectiva histórica da relação da Igreja com os descobridores dos novos mundos e da propagação da Fé.

<sup>220</sup> PORTUGAL Oito Séculos de História. *Revista dos Centenários*, Lisboa, n. 2, p. 16-23, mar. 1940b. p.15. (ANTT- SNI 3959- Secção de Propaganda e Recepção da Comissão Executiva dos Centenários).

Nesse Quadro fica evidenciada a concentração de atos religiosos na Época Medieval do Evento, justificada em razão do poder exercido pela Igreja nas monarquias medievais da Europa, inclusive Portugal. Assim, nas Festas Centenárias fica registrado o reconhecimento de Salazar e da Comissão Executiva dos Centenários do papel que exerceu e que deveria exercer a Igreja como instituição de unificação religiosa e social.

Durante as Comemorações, inclusive na sessão solene de inauguração do Ciclo dos Centenários, havia sempre o registro sobre a importância do papel da Igreja, da Fé e da religião como propulsores para a grande criação do povo católico português, a descoberta de novos mundos e cristãos. Assim, ao discursar, o Presidente da Comissão Executiva dos Centenários, Dr. Julio Dantas<sup>221</sup>, dedicou um longo trecho especialmente ao Senhor Cardeal Patriarca, sobre a ação da Igreja na construção da fundação e expansão da nacionalidade:

[...] vejo os missionários que propagaram a Fé, que levaram a todos os continentes a voz da civilização cristã, e que, para além do Império temporal, obra de César, dilataram o Império espiritual, obra de Deus. A Cruz de ouro de Sancho I, junto da qual, ainda agora, Vossa eminência pronunciava a sua oração admirável, tornou-se de tal modo grande no decurso dos tempos e das gerações, que os seus braços gigantes cobriram e abraçaram o Mundo.

A Igreja também reconhecia essa participação, tomando para si a responsabilidade pela dilatação da Fé nesse caminho marítimo percorrido pelos portugueses descobridores<sup>222</sup>. Isto porque, as naus que levavam os descobridores lusíadas, segundo Pio XII “[...] levava também os Missionários «para atraírem as nações bárbaras ao jugo de Cristo» como se exprimia, o grande pioneiro da expansão colonial e missionária portuguesa, o infante D. Henrique, o Navegador”<sup>223</sup>.

Por todas essas razões, era importante para o governo português realizar o pacto de reaproximação com a Igreja — a Concordata — e manter-se atrelado ao poder temporal<sup>224</sup>. Afinal, naquele momento, a Exposição do Mundo Português possuía, em seus diversos Pavilhões, representações de temas sobre seus heróis ajudados por Santos e anjos na defesa de seu país e de seu povo. Em um dos pavilhões, numa cruz, podia ser vista a frase: “Portugal sempre foi Cristão.”

<sup>221</sup> DANTAS, 1941, p. 32.

<sup>222</sup> EPÍSTOLA Encíclica de SS Pio XII, de 13 de junho 1940; Oração de SE o Cardeal Patriarca de Lisboa.

<sup>223</sup> EPÍSTOLA Encíclica de SS Pio XII. *Boletim Geral das Colónias*. Dedicado às Comemorações Centenárias da Fundação e da Restauração Nacional, na Metrópole e no Império 1140-1640-1940. Lisboa, Ano 17, n. 187, p. 89-102, jan. 1941. p. 90.

<sup>224</sup> Referimo-nos à acumulação de riquezas pela Igreja, proporcionada pelas doações dos fiéis que buscavam a salvação eterna, tornando a Igreja a maior detentora de terras na Europa Ocidental.